

UMA PROPOSTA

PELO menos assim à primeira vista me parece das mais sensatas a proposta que o governo de Costa Rica pretende fazer à Organização dos Estados Americanos sobre redução de gastos militares.

O avanço da técnica moderna deixou todos os países da América em uma situação de atraso indiscutível. Se os próprios Estados Unidos estão se sentindo inferiores à Rússia em armamentos modernos, da América Latina nem se fala. Para que, então, gastar nossos melhores recursos com as forças armadas, se elas não poderiam ter eficiência real em face da guerra moderna? No fundo cada um de nossos países pensa apenas no perigo de um ataque por parte de outro país deste mesmo canto do mundo. Daí o perigo de uma corrida armamentista que, mesmo se conservando no campo dos engenhos de guerra convencionais, poderá ser ruínosa para nossas fracas organizações econômicas. Limitar, de comum acôrdo, as despesas militares, será obra de bom senso; permitirá a aplicação de maiores recursos no desenvolvimento econômico — base, no fundo, de todo poderio militar real.

Não sou um pacifista místico. Creio que a obrigação de cada governo é dotar seu país de uma força militar capaz de defendê-lo efetivamente de todo provável atacante. O que acontece, entretanto, é não termos hoje nenhum meio de defesa eficiente contra um ataque desferido por uma grande potência, como a Rússia e os Estados Unidos. Para chegar a isso, precisamos de um nível técnico e científico que um dia atingiremos, mas um dia ainda distante. No lugar de gastar fortunas para defender nossos países uns dos outros não é mais sensato limitar rigorosamente os armamentos de maneira a permitir que cada um possa progredir mais depressa?

Um ponto que me parece duvidoso da proposta é aquêlo que proíbe as repúblicas latino-americanas de adquirir armas a países que não pertençam ao Hemisfério. Isso cria um monopólio da indústria bélica norte-americana no fornecimento de armas ao Hemisfério. Não é difícil concluir que tal monopólio encerra muitos perigos; para atingir ao nível de armamento considerado razoável teríamos de comprar armas aos preços e nas condições estipulados por um só vendedor.

A renúncia às armas nucleares me parece muito sensata, desde que ela não implique na proibição de estudos e pesquisas no campo da energia atômica. Por menores que sejam nossas possibilidades nesse sentido, elas são de se levar em conta, e é preciso não esquecer que no mundo ocidental não é com os Estados Unidos, mas com a Inglaterra que temos mais a aprender. Ainda este mês teremos grandes novidades sobre o assunto, pois os cientistas ingleses vão adiantar alguma coisa sobre seus sensacionais avanços no contróle da energia da fusão.

Temos hoje, no Exército, um grupo de homens com mentalidades já bastante desenvolvidas para sentir que devemos poupar recursos com a burocracia militar e o acúmulo de meios de guerra convencionais para gastá-los em estudos e pesquisas essenciais. Só trabalhando com a cabeça poderemos ser fortes e livres.